

MUDANÇAS NO PADRÃO DE DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL: O CASO DO NORTE DO PARANÁ¹

ANTONIO GOMES DE ASSUMPÇÃO², LAUDENIR APARECIDO GALINA³,
REINALDO CONSONI⁴

RESUMO – No presente artigo discute-se a dinâmica do relacionamento entre a agroindústria e a agricultura, a partir da identificação de dois padrões de desenvolvimento agroindustrial. No primeiro, a disponibilidade da matéria-prima é o fator de atração para a indústria processadora. Este padrão prevaleceu na agroindústria tradicional, como a do mate e da madeira, e do café, algodão, soja e pecuária no norte do Estado do Paraná. No segundo, a existência prévia de matéria-prima deixa de ser condição preponderante para a decisão de instalação e/ou expansão agroindustrial. São exemplos a sericultura, a cana-de-açúcar, a Stévia e a laranja. Enquanto no primeiro padrão o produtor rural detém certo grau de liberdade em suas decisões, no segundo perde sua autonomia e passa a um sistema de produção integrada: as decisões econômicas sobre o que, quanto e como produzir, transferem-se para a agroindústria.

Termos para indexação: expansão agroindustrial, integração agricultura/indústria, economia paranaense.

CHANGES IN THE PATTERN OF AGROINDUSTRIAL DEVELOPMENT: THE CASE OF NORTHERN PARANÁ

ABSTRACT – This paper examines two alternative models of the relationship dynamics between the agricultural sector and the establishment of agroindustries. In the first model the availability of raw materials is the factor of attraction for the establishment of agroindustry. This model predominated in the traditional agroindustry such as that of Brazilian mate-tea, lumber and coffee, cotton, soybean and cattle raising in northern Parana. In the second model the previous availability of raw materials is not considered as the major factor in the decision to install and/or expand agroindustries. The silkworm, sugarcane, Stevia and citrus industries are examples. While in the first model the rural producer retains some freedom of decision, in the second, he loses his autonomy and becomes a part of an integrated production system and the economic decisions concerning what, how much and how to produce are transferred to the agroindustry.

Index Terms: agroindustrial expansion, integration agriculture/industry, economy of Parana State.

INTRODUÇÃO

A economia paranaense, especialmente a da região norte do Estado, vem passando por profundas modificações desde a década de 70. Como principais transformações destacam-se o crescimento da produção industrial e mudanças significativas na produção agrícola.

¹ Recebido em 06/09/90.
Aceito para publicação em 31/01/91.

² M.Sc. em Economia Rural, Prof., Dep. Econ., Universidade Estadual de Maringá (UEM), Caixa Postal 331, CEP 87020, Maringá, PR.

³ M.Sc. em Economia Rural, Prof., Dep. Econ. UEM

⁴ Especialista em Desenvolvimento e Planejamento Social

No setor industrial, a agroindústria se expande, com a instalação de grandes e modernas unidades, diversificação da produção e maior integração com a agricultura. Neste processo, as cooperativas de produtores desempenham importante papel, aprofundando a interdependência entre o crescimento agroindustrial e as modificações ocorridas na produção rural.

A partir deste contexto, o presente trabalho traz as primeiras observações dos estudos realizados, como parte da pesquisa “Expansão Agroindustrial e Transformações Agrícolas na Região de Maringá – Período 1970/1988”, em desenvolvimento pelos autores. A pesquisa parte da hipótese de que existem reflexos das transformações agrícolas na expansão agroindustrial, e esta exerce influência nas mudanças verificadas na agricultura.

Assim, o objetivo deste artigo é demonstrar que podem ser identificados dois padrões distintos de relacionamento entre aqueles setores. No primeiro, a produção agrícola antecede a instalação das agroindústrias. No segundo, a existência de matéria-prima deixa de ser condição preponderante para a implantação e/ou expansão agroindustrial.

METODOLOGIA

Neste trabalho, utiliza-se o “conceito restrito” de agroindústria, ou seja, ...*“agroindústria é a unidade produtiva que, por um lado, transforma, para utilização intermediária ou final, o produto agropecuário ou seus subprodutos não-manufaturados; e que, por outro lado, adquire diretamente do produtor rural o mínimo de 25% do valor total dos insumos utilizados”* Lauschner (1980, p. 219).

Portanto, as análises se reportam às unidades que realizam o primeiro processamento de matérias-primas agrícolas.

Aceita essa definição, entende-se por “padrão de desenvolvimento agroindustrial” a dinâmica de relacionamento entre aquelas unidades e a agricultura, no processo de decisão de instalação e/ou expansão das agroindústrias.

Embora o tema possa ter uma abrangência mais ampla, o artigo toma como referência o norte do Paraná, a partir dos anos 70, onde ocorreram grandes transformações na agricultura e acentuado desenvolvimento do setor agroindustrial.

O trabalho é desenvolvido a partir de reflexões sobre a realidade regional, utilizando-se de estudos já realizados a respeito do desenvolvimento da economia paranaense, de dados estatísticos oficiais e de informações obtidas em entrevistas.

A seguir, são apresentados os resultados daquelas reflexões, que representam parte da pesquisa em desenvolvimento, de maior amplitude, uma vez que ainda não são aqui abordados outros aspectos também importantes, como estrutura fundiária, emprego e renda, entre outros.

O PADRÃO HISTÓRICO DE DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA

O surgimento e a expansão da agroindústria no estado do Paraná estiveram sempre ligados à produção agrícola. Os gêneros de indústria paranaense têm-se instalado, em geral, nas regiões fornecedoras de matérias-primas. O principal fator que explica o desenvolvimento agroindustrial, em termos dos diferentes tipos de produção e sua localização, é a existência de uma produção agrícola supridora de tais atividades.

Esse padrão de desenvolvimento aplica-se perfeitamente às primeiras atividades agroindustriais do Estado. É o caso das indústrias do mate e da madeira, instaladas ainda na segunda metade do século XIX.

A expansão da atividade cafeeira no norte do Paraná implicou o surgimento de uma nova atividade agroindustrial com as unidades beneficiadoras distribuídas pelas cidades, próximas às regiões produtoras. Também neste caso, foi a oferta de matéria-prima que condicionou a localização e o crescimento dessa atividade. Com o café, portanto, firma-se ainda mais o padrão que tinha a oferta de matéria-prima como fator dinâmico do desenvolvimento da agroindústria.

Na década de 60, a economia cafeeira inicia sua fase de decadência no Paraná. Alguns fatores concorreram fortemente para o declínio da produção: secas e geadas; desestímulos de preços; e erradicação de cafezais, espontâneas ou estimuladas pelo Governo. A partir daí, observa-se, na região norte do Paraná, a introdução ou expansão de outras culturas, como o algodão, a soja e a pecuária.

Em razão das transformações na produção agrícola, verifica-se também uma expansão, acompanhada de diversificação e concentração no setor agroindustrial regional. No período de 1966 a 1970, as atividades que mais cresceram no Paraná foram a produção de óleos vegetais, especialmente de soja, o beneficiamento de fibras, o abate de animais e a produção de couros, peles e similares (IPARDES 1974, p.18). Essas atividades encontram, no norte do Estado, vantagens em relação à abundância de matéria-prima para a localização de suas unidades processadoras. Portanto, a disponibilidade de matéria-prima foi fundamental para o estabelecimento e expansão das atividades agroindustriais.

Apesar de o processo de diversificação ter-se iniciado na década de 60, estudos do IPARDES (1985a, p. 03) identificam a década seguinte como a mais marcante para a indústria de transformação do Paraná. A partir de 1976, a indústria passa a superar a agricultura na geração da renda, destacando-se como principal gênero a agroindústria alimentar, composta basicamente pelos ramos produtos alimentares e produção de óleos vegetais em bruto. É nesta época que ganham importância as atividades que requerem maior elaboração da matéria-prima, em detrimento dos setores mais rudimentares. Observa-se,

também, uma nítida tendência à concentração econômica e o decorrente predomínio dos grandes estabelecimentos.

É, também, na década de 70 que se destacam dois principais eixos industriais no Estado. Um deles, Curitiba-Ponta Grossa, em 1971, participou com 36% do valor adicionado da indústria de transformação e 20% da agroindústria do Paraná. O outro, Maringá-Londrina, principal área agroindustrial do Estado, foi responsável por 22% do valor adicionado da agroindústria e 19% da indústria de transformação (IPARDES 1974, P. 34).

Outra mudança importante, naquele período, refere-se ao aumento da presença das cooperativas na indústria agroalimentar, com a instalação de unidades industriais de porte relativamente grande. Essa verticalização foi facilitada graças à inserção das cooperativas na comercialização de produtos agrícolas e que, por resultarem da associação de produtores, têm assegurado o controle do fluxo de matérias-primas.

Esses aspectos foram, sem dúvida, importantíssimos na disputa por espaços em setores em que já havia empresas estabelecidas, que, mesmo sendo de grande porte, não criaram obstáculos ao ingresso das cooperativas. Além disso, essas últimas puderam contar com mecanismos especiais de financiamento das suas inversões no setor agroindustrial, como conta capital, utilização de parte das sobras e linhas especiais de crédito.

A participação das cooperativas na agroindústria avançou significativamente no sentido de completar a verticalização do processo produtivo. Assim, sua atuação vem se estendendo, desde o fornecimento de insumos e produção de matéria-prima, até a elaboração de bens de consumo final. O exemplo típico e de maior importância na economia regional é o do óleo de soja refinado.

Dessa evolução, desde os processos mais rudimentares e específicos, abarcando um reduzido leque de produtos, até as estruturas produtivas mais sofisticadas e refinadas de empresas diversificadas e modernas, é possível identificar o predomínio de um determinado padrão de desenvolvimento agroindustrial. Este, como já foi destacado, baseia-se na disponibilidade de matéria-prima atraindo a implantação das indústrias processadoras. Pode-se deduzir que, conforme o padrão tradicional, a produção agrícola seria o principal fator na determinação dos tipos de investimentos agroindustriais na região.

UM NOVO PADRÃO DE DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL

Nos últimos anos vem se verificando uma mudança no padrão de desenvolvimento agroindustrial à medida que não é mais apenas a existência de matéria-prima em abundância que estimula e determina a instalação das indústrias processadoras. As agroindústrias são projetadas, até mesmo instala-

das e, paralelamente, são realizados projetos para estimular a produção da matéria-prima pelo setor agrícola de forma integrada.

Essa nova forma de integração vem acontecendo com a agroindústria da seda. A sericultura inicia-se na região dos primeiros anos da década de 70, com um pequeno número de produtores, e cresce gradativamente até meados dos anos 80. A produção inicial de casulos era transferida para processamento em outras regiões – primeiramente para o estado de São Paulo e, posteriormente, para indústrias japonesas instaladas no próprio estado do Paraná (BRATAC, em Londrina, e KANEBO, em Cornélio Procópio).

A produção se dava de forma integrada, uma vez que as indústrias forneciam o insumo básico – as lagartas – para o produtor, e se constituíam em únicas compradoras da matéria-prima – o casulo. Isto colocava os produtores em total dependência dessas empresas. Deve-se ressaltar que o produtor, para ingressar na sericultura, realiza investimentos expressivos no estabelecimento da lavoura – que é perene – e na construção de instalações, – que não possuem uso alternativo. Desta forma, ele não pode deixar a atividade sem incorrer em perdas.

Assim, as duas empresas que detinham poder de oligopólio na comercialização do produto, definiam um preço único, e os sericultores não possuíam qualquer outro parâmetro para comparação. Essa situação levou à criação de uma associação no município de Nova Esperança. Por reivindicação dessa associação, a COCAMAR – Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá Ltda. – dá início aos estudos necessários à instalação de uma fiação de seda.

A COCAMAR inicia o projeto através da contratação de técnicos e do desenvolvimento de pesquisa, visando o domínio tecnológico de criação do bicho-da-seda, até então de exclusividade das empresas japonesas que atuavam no mercado. Desenvolvida a tecnologia e com o início da introdução da indústria, a Cooperativa inclui novos produtores e aproveita parte dos já existentes que estavam integrados às outras indústrias.

No caso da indústria da seda, a estrutura fundiária, (onde prevalece um grande número de pequenas propriedades), a existência de mão-de-obra familiar e a necessidade de diversificar a produção agrícola, (em razão da decadência da cultura cafeeira, de crises de produção e da busca de alternativas para uso de solos muitas vezes impróprios para outras lavouras) foram as características fundamentais que geraram as condições para a implantação da agroindústria. Tais características, aliadas ao solo e clima propícios, que permitem até nove colheitas ao ano e um fluxo contínuo de renda tiveram papel decisivo para a ampliação da sericultura, suprimindo, assim, a matéria-prima necessária à indústria de fiação, cuja decisão de implantação já havia sido tomada.

O projeto inicial foi dimensionado para operar com 500 produtores, em todas as etapas – produção de ovos e lagartas, de casulos e processamento industrial. No primeiro ano de operação da indústria, a Cooperativa contou

com apenas 50 sericultores. Esse número e o fornecimento de matéria-prima, no espaço de poucos anos, aumentaram rapidamente, alcançando, na safra 88/89, aproximadamente 750 agricultores.

Essa rápida expansão resultou de um trabalho de motivação realizado pela Cooperativa e da constatação, através dos primeiros resultados, da viabilidade econômica dessa atividade.

Na medida em que a meta inicial de 500 produtores foi superada, a COCAMAR lança-se na aplicação da produção de ovos e lagartas, bem como da planta industrial, definindo uma nova escala, que permite a incorporação de 800 novos sericultores, totalizando, para a safra 1989/90, aproximadamente 1.500 produtores (Tabela 1). Atingida essa escala, a Cooperativa não admite a possibilidade de ampliação, por questões técnicas e de qualidade do produto. Assim, fica também esgotada a possibilidade de entrada de novos produtores vinculados a esse projeto. Desta forma, é a capacidade "ideal" de produção agroindustrial que determina a quantidade de matéria-prima a ser fornecida pela agricultura.

Configura-se, dessa maneira, o surgimento de um novo padrão de desenvolvimento que traduz uma mudança substancial na forma como a agricultura se integra com a agroindústria. A sericultura aparece como um caso híbrido, que corresponde a uma transição do padrão histórico para o novo padrão de desenvolvimento agroindustrial. Na sua primeira etapa, a matéria-prima não existia em abundância, porém precedeu a instalação de agroindústrias. Na nova fase, a expansão da produção ocorre mediante a decisão de instalação, pela cooperativa, de uma indústria na região.

Caso semelhante é o da indústria do álcool. O cultivo da cana-de-açúcar já existia na região, quase que exclusivamente em função da produção do açúcar. Com o advento do PROÁLCOOL e os subsídios e incentivos decorrentes, são projetadas várias destilarias. Concomitantemente, aumenta de maneira acentuada a plantação de canaviais (Tabela 2): utilizando áreas anteriormente destinadas ao cultivo de café, pastagens e cereais.

TABELA 1. Número de produtores e produção de casulo verde recebido pela COCAMAR – Safras 84/85-89/90.

Safra	Nº de produtores	Casulo verde (em kg)
1984/85	50	53.533
1985/86	200	385.010
1986/87	350	816.167
1987/88	420	1.200.000
1988/89	750	1.434.948
1989/90	1.500	2.200.000

Fonte: Divisão da seda da COCAMAR.

TABELA 2. Área de cana cortada e produção de açúcar e álcool no Paraná e em Maringá – Safras 79/80–87/88.

Safr	Área de cana cortada		Produção			
	(ha)		Açúcar (Sc. 50 kg)		Álcool (m ³)	
	Paraná	Maringá*	Paraná	Maringá*	Paraná	Maringá*
1979/80	54.629	2.691	3.908.380	240.000	91.951	6.015
1980/81	52.451	3.617	4.200.600	286.500	141.633	11.427
1981/82	68.017	4.247	3.653.380	410.600	195.603	12.737
1982/83	87.352	6.690	3.104.980	324.100	293.786	30.020
1983/84	104.688	9.961	3.018.980	529.700	491.570	41.573
1984/85	108.662	11.234	2.836.200	501.000	464.651	37.643
1985/86	129.787	11.042	3.050.400	500.000	691.249	49.440
1986/87	147.346	9.517	3.391.800	327.180	646.008	36.935
1987/88	145.490	8.258	3.598.880	390.280	646.972	29.491

Fonte: ALCOPAR - Associação dos Produtores de Álcool e Açúcar do Paraná.

* Dados referentes à área de atuação da principal usina instalada em Maringá.

No período entre as safras 1979/80 e 1987/88, a área de cana cortada expandiu-se em 166% no Estado e 20% em Maringá. Por outro lado, no Paraná, registrou-se um aumento de 60% na produção de álcool e um decréscimo de 8% na de açúcar. Ao mesmo tempo, em Maringá, essas produções crescem 390% e 63%, respectivamente.

Desta forma, também o aumento da produção agrícola de cana-de-açúcar se dá em função da expansão agroindustrial ligada ao PROÁLCOOL.

Outro exemplo do novo padrão de desenvolvimento na região de Maringá é o “projeto Stévia”. Pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá, tendo conhecimento de uma planta nativa, a *Stévia rebaudiana*, de clima tropical, existente também no Paraná, utilizada como matéria-prima para a produção de adoçante natural não-calórico, cuja tecnologia de processamento era dominada apenas pelos japoneses, iniciaram pesquisas laboratoriais visando o aproveitamento econômico daquela planta. Desenvolveu-se, então, um projeto piloto para o domínio da tecnologia de produção industrial e agrônômica. A partir de seus resultados, foi planejada a transferência tecnológica e a instalação de uma unidade de processamento em escala industrial.

Paralelamente, foi desenvolvido um projeto direcionado ao setor agrícola, com vistas à produção da matéria-prima, totalmente vinculada à agroindústria.

Mesmo não sendo uma planta cultivada na região, a atividade já se inicia, na safra agrícola de 1988/89, com 190 produtores explorando uma área de 254 hectares (Tabela 3).

Apesar da redução no número de produtores e na área plantada, constatou-se um significativo aumento da produtividade decorrente de um processo de seleção de produtores, direcionado pela indústria. Por outro lado, esta vem operando com apenas 25% de sua capacidade instalada, que é de 100 toneladas de adoçante por ano. Portanto, a capacidade ociosa possibilita a expansão futura da produção agrícola.

TABELA 3. Número de produtores, área plantada, produção e produtividade de Stévia na região de Maringá – Safras 88/89 e 89/90.

Safra	Nº de produtores	Área plantada (ha)	Produção de folhas (t)	Produtividade (t/ha)
1988/89	190	254	421	1,66
1989/90	110	120	328	2,73

Fonte: Ingá Stévia Industrial S/A.

O projeto como um todo é coordenado pela própria empresa, que seleciona produtores, fornece mudas e presta assistência técnica de cultivo, cuja produção é adquirida antecipadamente por contrato. Assim, nesta atividade, o agricultor perde totalmente sua autonomia, uma vez que a empresa detém o monopólio absoluto do mercado.

Um exemplo mais recente é o da laranja. A partir de uma iniciativa que conta com a participação da COCAMAR, em “joint-venture” com uma multinacional, encontra-se em fase de planejamento a instalação de uma indústria de suco na região, mesmo não existindo produção prévia da matéria-prima. Neste caso, o interesse pela produção de laranja parte de agroindústrias processadoras norte-americanas, que têm por objetivo ampliar suas regiões fornecedoras – no caso brasileiro, concentradas no estado de São Paulo. A escolha da região norte do Paraná deu-se em função das condições ideais de infraestrutura e do potencial de produção agrícola que essa região apresenta.

A partir da decisão de instalação da indústria, as entidades envolvidas identificam a intenção e passam a estimular o plantio de laranjais, dando garantias de aquisição do produto.

Pelas condições apresentadas, a instalação desta agroindústria caracteriza-se como mais uma iniciativa que se enquadra no modelo recente de desenvolvimento agroindustrial.

CONCLUSÕES

A partir das análises efetuadas, foi possível constatar a existência de dois padrões de desenvolvimento agroindustrial.

No primeiro, a disponibilidade de matéria-prima é o fator de atração dos investimentos da indústria processadora. A expansão da produção agrícola ocorre independentemente, influenciada de modo especial pelas variáveis de mercado, sem maior vínculo com o setor industrial local. Este modelo prevaleceu na instalação da agroindústria tradicional, como, por exemplo, nos casos do mate e da madeira e do café, algodão, soja e pecuária na região norte do estado do Paraná.

Nestes casos, o agricultor tem certo grau de liberdade, com maior domínio sobre o processo produtivo, uma vez que ele decide sobre o produto e a área a ser plantada, embora condicionado por restrições ou estímulos do mercado, sem maiores vínculos com a agroindústria.

No segundo, constata-se uma mudança no relacionamento entre a agricultura e indústria. A existência prévia de matéria-prima deixa de ser condição preponderante para a decisão de instalação e/ou expansão agroindustrial. São exemplos a sericultura, a cana-de-açúcar, a **Stévia** e a laranja. O fator determinante para os investimentos passa a ser o potencial da agricultura em se ajustar às novas condições impostas pela indústria processadora. Assim, o produtor perde sua autonomia e passa a um sistema de produção integrada.

De acordo com esse novo padrão, pode-se identificar uma tendência de que a agroindústria prevalece como setor dinâmico na interação com a agricultura. As decisões econômicas fundamentais da atividade agrícola – o que, quanto e como produzir – transferem-se do produtor para o setor agroindustrial.

REFERÊNCIAS

- IPARDES. **Estudo de integração de polos agroindustriais do Paraná. Primeira fase: levantamentos e estudos iniciais.** Curitiba, 1974. 76p.
- IPARDES. **Agroindústria e cooperativas no Paraná.** Curitiba 1985a.
- LAUSCHNER, R. **Agroindústria como Fator de Fortalecimento do Setor Agrícola.** In: Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Brasília, Vol. 18, 1980. Número especial.